

# AS CONSEQÜÊNCIAS DO PÓS-NEOLIBERALISMO (AREVOLUÇÃO INDUSTRIAL E A ATUAL NOVA ORDEM NO MUNDO)

José Carlos GUIRELI

A queda do Império Romano no século V ocasionado pela crise do escravismo, conseqüência da retração do Império nas conquistas exteriores, as invasões bárbaras e a crise de governo, levaram o mundo ocidental ao sistema feudal, onde aqueles poderosos fugiram para o campo e os trabalhadores tiveram que se submeter ao servilismo.

O sistema Feudal e suas estruturas de servilismo mostravam a ociosidade da classe opulenta sendo abençoada pela Igreja Católica, que desfrutava com muita alegria das benesses do comércio e do apoio aos poderosos, distribuindo bênçãos de consolação aos pobres trabalhadores servis. A Igreja foi a noiva do sistema Feudal.

A produção tanto no Império Romano como no Feudalismo tinha por base sustentar a riqueza da classe patricia Romana e dos barões, duques e senhores feudais de um modo geral e também do clero. A estagnação feudalista proporcionou a ascensão de uma nova classe: a dos Comerciantes que nas encruzilhadas e cidades com Flandres na Holanda realizavam suas feiras aquecidas de produtos, principalmente do oriente que encontravam consumidores ávidos pelos burgos.

Com a queda do feudalismo e a ascensão da burguesia temos o fortalecimento das monarquias nacionais, a adoção de um comércio livre tendo por encaminhamento a figura do comerciante faz surgir então o pré-capitalismo ou o mercantilismo com várias facetas.

É a época da procura de novos possíveis mercados para aquisição dos vis metais preciosos, o ouro, a prata, etc para lastream a base financeira das nações de então.

Portugal e Espanha saem na frente nesta empreitada e ocupam territórios na Ásia, na África e por conseguinte no continente que receberia o nome de América, criando aqui a América Espanhola e Portuguesa. Foi a época de exploração em massa dos índios, das nações avançadas como os Incas, Maias e Astecas, foi a tomada das riquezas dessas terras americanas e a introdução da mão-de-obra escrava negra africana. Na América Espanhola o ouro, a prata de Potosi, por exemplo, ostentaram o luxo da corte espanhola, e das Minas Gerais, a luxúria da corte portuguesa.

Por esse tempo uma nova potência também colonizadora começava a surgir - a Inglaterra - que assegura o tráfico negreiro pelos mares, cria um exército de mercenários e piratas, enriquece com o comércio e ocupando países de história muito antiga, como a Índia, além da América Inglesa que viria a ser os E.U.A. hoje, como colônia de povoamento, por isso, se desenvolveu mais rapidamente no âmbito industrial.

Com o advento de uma nova tecnologia, por volta de 1750, temos o aparecimento de máquinas a vapor, a modernização dos transportes e comunicações, além da produção estar se dirigindo para uma escala comercial de produção, acabando com a produção artesanal, deixando os artesões e suas corporações sem opção de trabalho e produção, a não ser na venda do trabalho braçal, mas agora na nova casa: a fábrica, a indústria à beira dos rios, aproveitando e adaptando-se às novas invenções, além da exploração infantil e feminina em longas jornadas de trabalho diurno e noturno e de ganho miserável.

Anterior ao período da Revolução Industrial no século XVII por volta de 1630/1634, tivemos uma crise faminta na Europa, com a fome ceifando muitas vidas como na Inglaterra<sup>1</sup> além das epidemias, deixaram em muitas partes da Europa uma triste e cinza lembrança desses acontecimentos com revoltas sociais (1650) tanto na Europa Ocidental e Oriental, com exceção dos Países Baixos como Noruega, talvez Suécia e Suíça.<sup>2</sup>

---

<sup>(1)</sup> In As origens da Revolução Industrial, pág. 10, 11 e 16. Eric Hobsbawn.

<sup>(2)</sup> Idem, pág. 16.

Com a instalação em definitivo da Revolução Industrial na Inglaterra primeiramente, temos um novo mercado surgindo, o mercado livre de comércio, o aumento da população urbana e o abandono do meio rural, causando um acúmulo populacional nas cidades de um modo surpreendente. É o LIBERALISMO de John Locke impondo suas mãos com o conceito de Adam Smith, de que o mercado se auto-regula com a mão invisível.

Para isso os ingleses necessitavam de um mercado consumidor e como potência marítima impõem aos continentes escravocratas (América Portuguesa e Espanhola) a libertação dos escravos que não interessavam a eles, a não ser agora como consumidor, um mercado livre, para desova dos produtos manufaturados e industriais, além de matérias-primas (como o algodão) incluindo a colônia inglesa do norte.

O crescimento dos mercados livres, eleva a industrialização beneficiando um número ínfimo de cidadãos e aumentando o número de pobres, desempregados e miseráveis, uma contradição gritante da Revolução Industrial.

Com a independência dos países colonizados, o desabrochar das duas guerras mundiais (1914/1918 – 1939/1945) a instalação de governos fascistas e nazistas, face à crise cíclica do então sistema econômico, o Capitalismo, um neo – colonialismo voltado para a África comercialmente, introduzindo os produtos industriais com conviência governamentais.

Esta invasão comercial ocorre tanto na África como na América e que tem agora os EUA como nova potência industrial do pós-guerra.

Com as crises capitalistas nos anos 20 e 30, governos tratam de intervir na economia para equilíbrio das desigualdades sociais em tempos de crises agudas como o CRASH da BOLSA DE VALORES EM 1929, que afetou o mundo inteiro.

Com a adoção do estado de Bem Estar Social, o **Welfare State**, teremos uma nova atuação estatal no mercado, é o **KEYNESIANISMO** que não agrada aos industriais e patrões.

No Brasil, com o colapso da política café com leite, onde São Paulo e Minas Gerais mandavam na política nacional, chega ao poder o ditador Getúlio Vargas que se aproveitará das reivindicações dos

movimentos operários, concedendo os direitos trabalhistas, assegurando um mínimo de benefício para o trabalhador na sua árdua jornada, como estabilidade no trabalho após dez anos de trabalho, carteira profissional, décimo-terceiro salário, férias, oito horas diárias de trabalho, horas extras, criação de sindicatos que asseguravam o poder de luta, embora tenham sido atrelados e controlados pelo estado na maioria dos casos. Os trabalhadores passam a ter algumas vantagens, como um novo padrão de vida e de luta, os anarquistas, socialistas e comunistas formam o contingente de proletários tendo em São Paulo, os imigrantes italianos um destaque significativo.

Na Argentina com a eleição de Juan Domingos Perón, o mesmo irá fazer também das lutas dos operários um meio para sua estabilidade no poder e concede suas reivindicações trabalhistas controlando também os Sindicatos, enfim, é um estado onde pelo menos um certo grau de proteção é garantido ao trabalhador com destaque também para os anarco-sindicalistas e socialistas recheados de imigrantes europeus, com italianos no topo das imigrações.

Na Europa, a Social-Democracia também cria esse bem estar social com um proletariado de luta e de construção sindical, além dos países socialistas do leste comandados pela então U.R.S.S. que equilibrava a guerra fria do pós-guerra e que também asseguravam ao trabalhador pelo menos o emprego.

No pós guerra de 1945 temos uma disputa polarizada pelos EUA e URSS no campo político, econômico e social, comparada somente com as disputas das cidades-estados gregas, Atenas com a Confederação de Delos e Esparta com a Liga do Peloponeso, e de outro lado o Movimento dos países não alinhados, Iugoslávia, Índia e outros que atuavam fora da órbita soviética e norte-americana.

Um novo panorama no horizonte é viabilizado pelos tecnocratas nessa nova era industrial: o mercado deve servir de fonte inspiradora e reguladora da nova ordem mundial, pois os velhos sistemas estatais e a política keynesiana, aliada ao colapso do socialismo real do leste, acentuado pela Queda do Muro de Berlim em 09 de novembro de 1.989, a desintegração da URSS, a união alemã, deveriam estar aptos para a entrada no mercado do Estado mínimo, ou seja, o **NEO-LIBERALISMO**, elaborado por vários economistas com destaque para Friedrich Hayek, Milton Friedman, Karl Poppes e outros.

Estes pregavam que a intervenção participativa do estado no mercado inibia o desenvolvimento e a liberdade individuais bem como a prosperidade de todos, aqui vejo com reserva esta “ prosperidade” , ela é daqueles que dominam a produção econômica e influem no poder político.

O que estamos percebendo hoje, é uma pregação da falácia do estado nada mais é do que uma volta ao estado econômico do século XIX, com um Estado atuando minimamente.

Na América Latina onde a industrialização foi muito tardia e “fictícia” pois as indústrias locais são transnacionais, portanto não possuem compromisso algum com o país onde se instalam, mas sim desfrutam das bondades fiscais oferecidas pelo Estado privado.

O Brasil e a Argentina despontam no campo industrial com uma base operária forte e conservadora dos seus direitos adquiridos em tese, nos demais países da América Latina, a Venezuela desponta com o seu petróleo, mas também cai nas garras do neo-liberalismo, o Chile com seus mineiros e uma indústria incipiente é o primeiro a adotar tal sistema já nos fins da década de 70 na ditadura de Augusto Pinochet. A Bolívia e seus mineiros cobram de governos como Paz Estensoso fortes cuidados para com o povo e onde se destacou a grande mulher Domitila, nos demais países a produção industrial é pequena não criando uma base operária forte, incluindo-se aí Cuba que sofre com o embargo econômico norte-americano e o colapso da URSS. No Peru a guerrilha tenta se impor assim como na Colômbia , mas o que se vê são governos cada vez mais neo-liberais e a pobreza se tornando comum no dia-a-dia. No México a indústria é grande e com uma base operária de luta e conquistas, porém sua proximidade com os EUA lhe é fatal, que o digam os zapatistas de então. As conquistas trabalhistas no Brasil que vinham desde Getúlio Vargas e na Argentina desde Juan Domingos Perón, pela mesma época, 1946, as indústrias formadas com dinheiro público ou compradas e transformadas em nacionais estão hoje sendo desmanteladas.

Aos trabalhadores oferecem-se o mínimo de direitos, as indústrias são vendidas a preço de banana e assim o Estado se torna mais impotente político, social e econômico. O Chile foi um dos primeiros países a adotarem cruamente o modelo neo-liberal com apoio inglês, e apesar das ditaduras latinas caírem temos visto uma transnacionalização das economias

locais, onde o povo sobrevive de um mísero salário e muitos milhões se alimentando de lixo que vem da mesa daqueles que prosperam com esta política mordaz do neo-liberalismo. Essa corrente globalizadora que se diz nova, na realidade já é antiga, ela usa uma nova roupagem intelectual para implantar mais profundamente o sistema internacional de comércio que teve início nos séculos XV e XVI com a expansão marítima, cabe questionar se essa ideologia globalizadora não é uma extensão do neo-liberalismo que nasceu com estadofobia.<sup>3</sup>

## CONCLUSÃO

Diante da situação porque passam os países da América com um número de desempregados dos mais altos dos últimos vinte e cinco anos e uma economia voltada somente para o consumo imediato e uma situação social das mais lamentáveis, é de se prever um final triste para aqueles que estão excluídos: *A MORTE PREMATURA* de uma vida que mal começou.

A retirada dos direitos mínimos dos cidadãos de qualquer país é na parte mais simples uma exclusão da vida daqueles que sempre contribuíram para a formação econômica e social de um país. Haja vista o que se passa na África Negra, onde não há sequer um prato de arroz para aqueles miseráveis saciarem a fome do seu povo que caminha sobre puros ossos, e formados por países ricos em petróleo, ouro, diamantes, como Angola. Governados por homens que se voltam ao capital externo para realizações demagógicas e familiares.

Em todos os campos social, econômico e político o neo-liberalismo vem penetrando como um caçador na mata atrás do cervo, e as vítimas nós vemos pelas ruas (os meninos e meninas, jovens e jovens, velhos e velhas) trabalhadores abandonados pela família e a trucidação humana nas guerras tribais ou de etnia como recentemente na Iugoslávia e África, vítimas também do interesse econômico neo-liberal europeu e norte-americano.

Embora tenhamos eleição de novos governantes, como Fujimori no Peru, Menen na Argentina, FHC no Brasil e Salinas no México que

<sup>3</sup> Mitos da Globalização, pág. 12, 13 e 41. Paulo Nogueira Batista Jr.

roubou as eleições através de fraudes, além do velho Estensoro na Bolívia e outros, estes abriram seus países de tal forma ao neo-liberalismo, ao capital financeiro especulativo que as feridas no seio do povo trabalhador dificilmente se fecharão em curto ou médio prazo.

Como já falado anteriormente a “morte prematura” é que levaram estes excluídos assim como foi no prenúncio da Revolução Industrial na Inglaterra, Bélgica ou nos antecedentes da Revolução Francesa em 1.789, que consagrou o poder burguês de forma que estes estão até hoje na decisão política econômica e social em favor dos seus desejos inescrupulosos e jamais ao alcance do povo rural ou urbano e trabalhador.

Por outro lado temos em outros países da América Latina como Nicarágua, Guatemala, Paraguai, San Salvador, Equador uma estagnação político-econômica em todos os níveis, visto a total dependência do mundo exterior neo-liberal, com algumas atrações temos a América Central na conduta da exclusividade norte-americana, inglesa e holandesa além da francesa.

Enquanto presenciamos na América Latina os governos abrirem as portas ao neo-liberalismo de forma saudável, como o Brasil, Argentina, Chile e Peru, nos países desenvolvidos essa política não tem sido aplicada a rigor e os norte-americanos, japoneses têm do povo uma forte resistência para manutenção do cuidado social do Estado em relação à sociedade de maneira geral.

No Reino Unido onde a hegemonia neo-liberal de Margareth Thatcher reinou de 1979 a 1994 acabou com o programa social do Estado em relação ao povo e pudemos notar um aumento considerável da pobreza e de mendigos acentuados durante a sua política pragmática e que continua sendo aplicada até os dias de hoje com o novo governo trabalhista com uma roupagem nova mas de espírito antigo e com destaque mais uma vez para o Chile, o fiel escudeiro do programa neo-liberal na América Latina.

Para encerrar, percebemos que uma resistência está se perfilando no mundo, embora notamos também uma certa atuação autônoma do povo em estabelecer pequenos comércios, “NEGÓCIOS INFORMAIS”, quer seja de produtos alimentícios ou de industriais, distantes lembranças do sistema feudal, lógico com outra vestimenta e forma articuladoras.

Como disse outro dia em uma entrevista o renomado geógrafo Prof. Dr. Milton Santos: **“A globalização em todos os cantos está sendo recusada, já fez água”**, portanto a tendência é a sua virada, mas como diz Perry Anderson, **“a virada de uma de uma onda é uma surpresa”**, ainda não sabemos quando será exatamente que essa onda passará, mas o caminho está aberto.

A ideologia neo - liberal tem executado seu papel político de um modo cruel e quase perfeito, tornando o espírito nacional em um mero espectador em muitos casos, ou seja, aqueles que não despertarem para que a perda de identidade nacional não se “globalize”, será difícil acatar um novo século com uma vida diferente ou pior da que temos presenciado por este século e momento atual.